

Movimentando saberes: Hip Hop e Universidade

José Antônio dos Santos; Diogo Raul Zanini; Ivan Pereira Quintana; Juliana Luise Costa; Ulisses José Batista dos Santos

Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED / UFRGS

E-mail: joseants@hotmail.com

Apresentamos aqui alguns resultados do projeto “Movimentando saberes: Hip Hop e Universidade”, registrado, em 2025, na Pró-Reitoria de Extensão – PROREXT/UFRGS. A ação de extensão foi o resultado de amplo diálogo com o Movimento Hip Hop de Porto Alegre e Região Metropolitana iniciado em 2015, quando foi organizado o primeiro Seminário Hip Hop na UFRGS a partir da iniciativa dos estudantes. Naquela oportunidade, houve reivindicações intra e extramuros da Universidade para criação de espaços de interlocução e reconhecimento do hip hop no meio acadêmico.



Figura 1 - Reunião com os estudantes do Campus do Vale para construir o Censo Hip Hop na UFRGS.

Fonte: Autores.

Há mais de quarenta anos o Movimento Hip Hop atua em diversos âmbitos da sociedade, desde a assistência a crianças e jovens em vulnerabilidade social; a criação de cursos pré-vestibulares populares para ingresso nas universidades; a formação

para o mercado de trabalho e a organização cidadã dos moradores das vilas, bairros e favelas na defesa dos seus interesses. São tecnologias sociais que apontam novas perspectivas na resolução de problemas socioeconômicos enquistados na sociedade, em que os conhecimentos resultados da relação ensino-extensão-pesquisa podem encontrar meios de avançar sobre temáticas superadas e sobre o descrédito da importância da universidade e daquilo que produz.

A Alvo Associação Cultural, o Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul e o Galpão Cultural, localizadas em Porto Alegre, respectivamente, no Bairro Rubem Berta, na Vila Ipiranga e no Morro da Cruz, se tornaram interlocutores na definição de objetivos comuns. A saber: a realização do primeiro Censo Hip Hop na UFRGS, para visibilizar e quantificar as pessoas envolvidas com a cultura hip hop na Universidade, e a organização do VI Seminário Hip Hop na UFRGS, evento para apresentação de pesquisas e da cultura Hip Hop com objetivo de trocas intepistêmicas.

Visamos a horizontalidade entre os saberes no estabelecimento de metodologias de trabalho por meio de reuniões periódicas nos diferentes espaços,

discussão de temas sensíveis, respeito à opinião de todos os envolvidos. O processo interativo se fez na definição de datas dos eventos, composição das mesas de discussão, locais e formas de participação, pelo confronto dos pontos de vista ou enfoques diferentes, podendo essa interação ir da simples comunicação das ideias à participação efetiva na consolidação dos objetivos acordados.



Figura 2 - Reunião com representações do Movimento Hip Hop no Galpão Cultural no Morro da Cruz.

Fonte: Autores.

A indissociabilidade ensino-extensão-pesquisa tem a extensão ocupando o centro do processo. Ela viabiliza a interação que retroalimenta o ensino e a pesquisa que devem ter dentre seus objetivos a produção de pedagogias e pesquisas socialmente relevantes e comprometidas com a sociedade.

Segundo pesquisa de (QUINTANA, 2025), o banco de dados de ações de extensão da PROEXT-UFRGS possui a identificação de seis atividades relacionadas ao Hip Hop. Apenas duas apresentam o termo “Hip Hop” como descritor principal no título da ação, o que revela um dado que extrapola a dimensão quantitativa e se inscreve no plano das hierarquias simbólicas do saber universitário. Em termos proporcionais, trata-se de uma presença estatisticamente residual, quando confrontada com o volume total de 24.440 atividades extensionistas

registradas entre os anos de 2015 e 2024.

À revelia da Universidade o Movimento Hip Hop criou entidades reconhecidas como espaços de produção de saberes, linguagens, pedagogias e práticas políticas oriundas das periferias urbanas dos quais provém parcela significativa dos jovens que constituem o corpo discente das universidades.

A baixa incidência de atividades explicitamente vinculadas ao Hip Hop pode ser lida como sintoma de um processo seletivo de legitimação de culturas e saberes que continuam sendo marginalizados, mesmo em um contexto de aparente abertura institucional como é o caso das políticas de ações afirmativas.

Por meio de letras e músicas (DJs e MCs) que constituem o rap, da dança (*break*), da pintura (grafite), dos conhecimentos e do domínio de palco e público (MC) a juventude das periferias encontrou no Hip Hop uma ferramenta de transformação de suas vidas. Foi o caso de nossa bolsista de extensão que deixou registrado no seu trabalho de conclusão em Pedagogia a importância do rap em sua trajetória. Mais do que isso, ela refletiu sobre o quanto a universidade contribuiu para o distanciamento de suas origens e como a entrada no projeto serviu como forma de se reaproximar do Hip Hop.

Ela relata esse processo da seguinte forma:

“[...] foi através da música que o Hip Hop me salvou muitas vezes em que estava passando por uma situação difícil na vida, me fazendo enxergar as experiências a partir de outro ponto de vista, tendo contato com outras vivências diferentes das minhas, aprendendo com a cultura negra e periférica que é o pilar de todo movimento Hip Hop, e além disso, resgatando a minha autoestima enquanto uma professora-poeta que sonha com um mundo menos violento e ensina com amor aos seus educandos”. (COSTA, 2025, p. 15)

Figura 3 - Sessão de apresentação de trabalhos do VI Seminário Hip Hop na UFRGS, reunindo ativistas do Hip Hop, graduandos e pós-graduandos da USP, UFPR e UFRGS.

Fonte: Autores.



As ações extensionistas criam possibilidades dos estudantes conhecerem novas realidades, ou, de voltar a seus lugares de origem e passar a reconhecê-los como agentes fundamentais em suas formações como cidadãos e profissionais. É a oportunidade de positivar e valorizar as experiências e conhecimentos que absorveram em suas comunidades, tendo condições de equilibrar epistemologias do seu meio em graus de igualdade aos conhecimentos absorvidos na universidade.

A relação ensino-extensão-pesquisa deve ter a responsabilidade em impactar e transformar a sociedade e a universidade de alguma forma, como foi o caso na realização do VI Seminário Hip Hop na UFRGS, quando circularam na Universidade cerca de 300 pessoas, entre DJs, grafiteiros, MCs e dançarinos do Movimento Hip Hop, professores e estudantes de escolas públicas,

pesquisadores de outras universidades que regularmente não são vistas ou não fazem parte desta comunidade.

Esta circulação de pessoas pelos pátios, salas e auditórios do Campus do Vale e Central e as reuniões com apresentações de pesquisas acadêmicas mediadas por músicas (*rap*) em alto volume não transformou a Universidade, mas desacomodou algumas pessoas e teve impacto em outras que nunca tinham ocupado esse espaço. As reuniões que fizemos nas entidades parceiras e na Universidade foram momentos que fortaleceram laços comunitários de solidariedade e reconhecimento entre todos os envolvidos. ◀

Referências

COSTA, Juliana L. *O RAP como contribuição no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes da EJA*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

PEREIRA, Jaqueline T. *Casas de hip hop: criação e construção de saberes emancipatórios*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

QUINTANA, I. P. *A extensão universitária como eixo estratégico para a internacionalização da educação superior*. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

ZANINI, Diogo Raul. *Movimento Hip Hop: socializando a cultura como um trabalho emancipador*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.